

FICÇÃO FACTUAL SOBRE OS SABERES E SABORES DA PALAVRA IMPRESSA

Confissões de um Devorador de Livros

Resumo

O tema aqui tratado refere-se a acontecimentos e conjeturas de 'vida e tempos' de um viciado em livros, explanados do ponto de vista subjetivo. A narrativa correspondente divide-se em três estágios: a idade 'infantojuvenil', em que se relata a criação e desenvolvimento das competências de escrita; a maturidade, em que se descreve uma representação teórica do sistema de ligações entre os prazeres da comida/bebida e o impulso da escrita, associado também ao amor; o terceiro ato, decorrido no Brasil do século XXI, em que se aborda um conjunto de experiências que iluminam o arrebatamento pela escrita. A narrativa quase-linear é às vezes deformada por algumas retroações relativas à memória da minha luta contra a ditadura de Salazar, especialmente no que diz respeito à resistência à censura que ameaçava a minha paixão por toda a matéria impressa.

Palavras-chave: escrita; viciado em livros; micro-história; comida/bebida; censura; Portugal-Brasil.

Abstract

The issue addressed here concerns events and speculations related to the life and times of a book-addicted, under a subjective perspective. The corresponding narrative is split into three virtually non-overlapping stages: the child-juvenile age, in which skills of read-writing are generated and developed; the maturity period, in which a theoretical representation is constructed, referring to the connection between the pleasures of food/drink and the read-writing commitment, associated as well with erotic love; the third act, located in the 21st century Brazil, encompasses sublime experiences enlightening the passion for books. The quasi-linear narrative is frequently jumbled by a number of flashbacks and other discourse fractures, driven by memories of the fight against Salazar's dictatorship, mainly in what concerns resistance to the censorship that harmed my printed matter passion.

Key-words: read-writing; book-addiction; life-history; food/drink; censorship; Portugal-Brazil.

0. Enquadramento

Os exercícios de estilo que embalam este texto devem muito à forma como preparei, até ao final do século XX, alguns ‘artigos científicos’ em que a presença de ‘imagens’ era avassaladora. Nesse contexto, quando decidia escrever qualquer *paper*, começava pela conceção da sua iconografia básica, que funcionava como uma sequência de ‘marcadores visuais’ articulando a palavra escrita. Nos tempos do ‘desenhador’, o primeiro passo da produção de um artigo era ‘encomendar’ as figuras que eu considerava necessárias para a sua inteligibilidade. Durante o longo processo que levava às imagens finais, eu ‘esgalhava’ o palavreado, que acabava por funcionar como cimento de ligação entre as ‘figuras’.

Hoje, as *collages* que, neste texto, constituem as **Figuras** são feitas a partir de fragmentos de fotos e *scans* do meu arquivo, combinados – por um programa de edição de imagens – com representações íconotextuais obtidas no Google (que se torna assim um utensílio de apoio à ‘inteligência natural’ para quem queira ensaiar o tipo de hipertexto aqui proposto).

Por outro lado, neste texto perpassam inevitavelmente ecos (palavras soltas, frases, citações) dos idiomas que conheço, à maneira de Olivier Rolin (Rolin, 2000), que também não quer preservar a ‘pureza da língua’, abrindo-a a todas as influências que lhe dão som e sentido.

Quanto aos ‘sinais de pontuação’ que adotei, destacam-se – pela sua frequência e teor irónico – as ‘plicas’, que são ‘sinal de estranheza’ perante *clichés*, plebeísmos e ‘significados discrepantes’. Também está bem espalhado pelo texto o uso de orações entre travessões e dentro de parênteses, que ‘servem’ para oferecer analogias e para ‘explicar melhor uma ideia’.

Do ponto de vista da sintaxe, para além de alguma presença de ‘orações subordinadas’ que podem ser vistas como um pobre *pastiche* do poema *Quadri-lha* de Carlos Drummond de Andrade (Andrade, 2013), o tempo e o modo da narrativa são concebidos como variáveis qualitativas no domínio do caos determinista, abrindo para um estilo ‘quase barroco’.

Quanto aos tópicos aqui tratados, elegi o ‘livro’ como centro das relações entre os homens e – a partir daí – analisei a tríade texto-amor-comida/vinho. Assim, verifiquei que a acumulação desmedida de livros e o estilo barroco têm o seu contraponto no *amour fou à la Breton* e nos excessos de comida e de vinho expressos, por exemplo, em Blixen, com *A festa de Babette* (Blixen, 1995), e em Baudelaire, com *Le vin des amants* (Baudelaire, 1868). De um modo mais prosaico, nos romances que tratam de ‘relacionamentos’ surge o lento ‘jantar a dois’ como o primeiro ‘preliminar’ da noite de sexo (e vê-se também como a *fast food* está nos antípodas do amor carinhoso). Voltando ao estimulante que se bebe sem sede, posso dizer a propósito de um amigo abstêmio que “*his lips drink water but his heart drinks wine*”, a sábia observação de e. e. cummings, cujo nome de guerra é já um poema visual.

Este feixe de reflexões, em que *one thing leads to another* – à maneira dos *Zibaldone de Pensieri* (Leopardi, 2014) –, ilumina a micro-história do meu tempo, redigida numa alternância da voz ativa na primeira pessoa do singular (ou plural) com a voz passiva sintética.

1. Raízes primárias

Aprendi a ler nos marcos do correio, esses cilindros vermelhos onde uma misteriosa sinalética, situada à cota dos meus olhos de criança, atraía irresistivelmente a minha infinita curiosidade. Durante as incursões noturnas no Rossio pela mão do meu Avô, o meu olhar elevava-se tão só para atingir os letreiros publicitários do topo dos edifícios, ignorando liminarmente as estrelas que se elevavam nos céus.¹

Na década de 1950, as minhas leituras fixaram-se definitivamente no ‘suporte-papel’, quando passei a deglutir toda a espécie de matéria impressa, primeiro em forma de revista aos quadradinhos, depois em livro brochado.

¹ Esta atitude é um claro precedente da postura que guiava François Jacob (Jacob, 1987) quando afirmava “*Si un paysage porte un écriteau, je vois pas le paysage, et je ne fais attention qu’au écriteau*”.

Quando passava a escrito o meu pensamento divergente despertado pela leitura, entrava no domínio do conceito de ‘escrileitura’, num espantoso *flashforward* expresso nas palavras do meu amigo Ruy Duarte de Carvalho: “Quando se escreve, lê-se. Chegou o tempo de escrever, é tempo de ler”.

No quadro da minha aprendizagem formal no Liceu Camões havia um ‘Trabalho para Casa’ que me agradava particularmente: tratava-se dos ‘Resumos de História’, que deviam ser entregues no início de cada lição para condensar num texto breve a lição anterior. Em clara violação da síntese pretendida, acabava sempre por fazer extensões imensas do tema tratado na aula, apoiado nos meus apontamentos e em outras fontes retiradas da biblioteca do meu Avô. Estes ‘Resumos de História’ faziam do ‘texto final’ um emaranhado de estórias que pouco tinham a ver com a “História” (ficava-me, porém, a ideia de ‘estar a ensinar coisas’ à professora, sinal inegável de uma proveitosa aprendizagem).

2. Maturidade teórica

O tempo curvo da minha juventude desenvolveu-se na asfixiante envolvente cultural da ditadura salazarista, cuja pedra de toque era a repressão de todas as atividades libertadoras de cariz cosmopolita, para fomentar uma ideologia retrógrada, paroquial e nacionalista.

Para apaziguar a minha ‘Curiosidade sobre o Mundo’ que a censura coartava, punha em marcha, a partir do Técnico, uma terapêutica que levava à Avenida de Roma, onde se encontrava uma livraria-papelaria cujo dono (o senhor Barata, ao centro na Figura 1) se ‘especializara’ na função de *dealer* de livros proibidos.



Figura 1. Livros proibidos vendidos clandestinamente pelo senhor Barata da Avenida de Roma

Na prática do senhor Barata, os livros escolhidos por cada cliente eram forrados em folhas de papel cinzento, de modo a escondê-los dos olhares indesejados dos esbirros encarregados de vigiar o tráfego. Depois de despistar os ‘bufos’, reuníamo-nos na cave escusa de um Café da Avenida de Roma para desfrutar, entre alegres libações, o prazer da leitura veiculado pelos calhamaços que transportávamos dissimuladamente.

Este cenário algo arriscado fazia-me sempre lembrar a iconografia da ‘lei seca’ que vigorou nos Estados Unidos nos anos 1920-30, com o objetivo de tentar impor a proibição de bebidas alcoólicas através de medidas repressivas. Em contracorrente, o arrebatador conteúdo das garrafas embrulhadas em papel anódino (como o dos embrulhos do Sr. Barata) polinizava o espírito dos coletivos que se reuniam nos alegres *speakeasies* que acolhiam os viciados no prazer das bebidas espirituosas (e que eram o paralelo do nosso Café da Avenida de Roma).

Inspirado pela leitura dos livros da Figura 1, cedo passei a escrito a minha criativa indignação em ‘comunicados’ clandestinos de apoio às lutas contra o regime opressivo que tentava silenciar o movimento estudantil libertário bafejado pelo espírito de Mai68.

A partir das imagens da ‘lei seca’ ligadas à fruição de ‘livros proibidos’, produzi uma teoria das associações entre a escrita e o álcool, materializada numa galeria de escritores americanos das ‘minhas inclinações’ que estiveram fortemente envolvidos nos prazeres da bebida. Assim, o Papa Hemingway (com o rum que regava a sua escrita frugal) abre caminho *a contrario* para Patricia Highsmith com os cocktails que tanto agradavam ao Mr. Ripley, para Bukowsky e o vinho a martelo das suas cenas erótico-subversivas), para Jack Kerouac, com a cerveja a lubrificar as suas viagens...

Com base em algumas estórias lidas em Alberto Manguel (que retoma Sir Francis Bacon), estabeleci uma tipologia relativa ao modo como os textos reproduzem o ato de ‘manducar’: há alguns textos que se podem meramente ‘debicar’, outros que pedem a simples ‘mastigação’, e ainda outros que exigem o procedimento mais laborioso de ‘deglutição’.

No que diz respeito à série complexa de atividades que estão por detrás da escrita, dei conta de uma inopinada similitude com o processo de preparação da comida, em que o tempo de confeção é a variável chave. De facto, do mesmo modo que um ‘hamburger’, feito à pressa, pode ser visto como avatar de um ‘mau texto’, os pratos cozinhados lentamente (assados, estufados, guisados) têm elevada probabilidade de conduzir a um apazível repasto, em paralelo com a escrita – ou reescrita – praticada por Nietzsche como uma espécie de ‘ruminação’ (Goldberg, 1995).

No meu caso, após várias tentativas frustradas de usar os restaurantes como base para o exercício criativo da bibliofagia – superando o obstáculo da exiguidade das mesas (que ‘não estão preparadas’ para os acessórios da escritura) – acabei por conjugar sincronicamente a leitura com a gastronomia, em espaços onde era possível curto-circuitar o procedimento sequencial do lendário Dr. Johnson, o icónico leitor glutão que guardava sobre os joelhos um livro pronto para substituir um prazer por outro, logo que acabava de comer. Esses espaços são Livrarias-Cafés, como a LAIE do *carrer* Pau Claris, localizada entre as ramblas do Mercado *La Boqueria* (com os seus odores infinitos) e a praça da Catalunha.

Na LAIE, costumava seguir as aventuras do detetive Pepe Carvalho, degustando no restaurante do primeiro andar os pratos feitos a partir das receitas reunidas em livros adquiridos na *planta baja*.

E foi na LAIE do virar do século XX que pude perscrutar o relato da fabulosa viagem de Vázquez Montalbán ao México para responder *de viso* (e com vitualhas) à carta que o Subcomandante Marcos lhe enviara para as ramblas, solicitando ‘conversa sobre a globalização’ hibridizada com os sabores de um repasto feito na selva a partir dos chouriços com o sabor único da Boqueria.

No Restaurante da LAIE, pareceu-me – num dia dos finais da década 1980 – vislumbrar o detetive Pepe Carvalho em sigiloso sussurro com o meu amigo Enrique Vila-Matas. Segundo consegui perceber a partir da minha curiosidade quase ‘voyeurista’ que plagiei do escritor catalão, este estava a ‘encomendar’ uma árdua tarefa ao *private eye* das ramblas: tratava-se de encontrar o paradeiro da sua mítica musa Paula de Parma, a quem costumava dedicar os seus livros. Em finais do século XX, surpreendi-o a jantar nas Ramblas com a sua musa, num espantoso (e quase inacreditável) *remake* da conduta que tinha maquinado para a sua personagem de nome Mayol de “*El viaje Vertical*” (Vila-Matas, 1999).

Este catalão inventado, quando tendia para a idade *mayor*, percorria em ‘estado de graça’ as cidades onde trabalhara anteriormente, armado só de um caderninho onde legendava tudo o que lhe despertava o interesse, por exemplo, o rótulo do Vinho do Porto da marca VELHOTES, cuja degustação lenta lhe dava um extraordinário prazer (Figura 2).



Figura 2- Vila-Matas com a sua musa e com o seu Vinho do Porto

Em princípios do século XXI, o editor de “O Mal de Montano” requereu a minha participação no lançamento desta obra, apelando para a minha aversão racional pelo ‘sacrossanto princípio da identidade’, que eu via como uma tautologia improdutiva que se devia violentar concetualmente, na linha de Vila-Matas. No decorrer do lento jantar que completou o ritual da apresentação do livro, fomos mimoseados com uma extensíssima gama de acepipes que obstruíram prandialmente o acesso a um imaginário ‘prato principal’ (sempre em potência, mas nunca em ato).

A este propósito, o Enrique estabeleceu uma estimulante analogia com sua escrita do seu livro “*Bartleby y compañía*”, em que os acepipes faziam as vezes das *notas a pie de página* que eram o único corpo da sua obra. E assim como o *main course* ausente na nossa refeição no restaurante Coelho da Rocha era evocado pelos acepipes, também os rodapés simbolizavam a pesquisa do livro ausente que os ‘escritores do não’ se recusavam a escrever.

3. Velhice Sublime

Quando a minha maturidade se aproximava de um ‘estado de graça’ à *la Mayoil*, decidi também (como o herói de *El Viaje Vertical*) visitar os locais que percorrera na maturidade.

A partir da primeira década do século XXI, privilegiei decididamente o Brasil para algumas lentas viagens que deram corpo ao meu desígnio de *book-driven drifting*. De facto, o subcontinente apelidado depreciativamente de ‘brasuca’ aparecia *a contrario* com uma luz especial, desde que se tinha atravessado no meu caminho a fraternidade com refugiados políticos do golpe militar de 1964, que festejavam comigo o Mai68 em Paris.

Nas sessões de confraternização nos *bistrots* junto à livraria *Joie de Lire*, tutelada pelo François Maspero das edições revolucionárias (como o livro da direita na Figura 1), concebemos uma correspondência síncrona sexo-comida baseada em *printed matter* relativa à repressão estatal sobre os costumes: em março de 1968, deu-se a apropriação dos dormitórios femininos em Nanterre, enquanto

uma cantina estudantil no Rio de Janeiro conhecida por 'o Calabouço' era sede de protestos contra a ditadura, antes de ser ocupada pelos militares.

Quando a minha aventura parisiense terminou sob o fogo da reação autoritária do estado apoiada na *Confédération Générale du Travail*, os meus amigos brasileiros que tinham estado a meu lado nas barricadas da Gay Lussac acharam por bem acompanhar-me a Lisboa, instalando-se no Bairro do Rego (onde eu também vivia nesses 'tempos de vinho e de rosas'), a norte da fronteira delineada pela estranha passagem de nível, (quase) sempre fechada que isolava o nosso '*Quartier Latin*'.

Numa comuna da rua da Beneficência, os exilados da sinistra ditadura militar organizaram uma escola de samba que dava pelo nome de 'Vapores do Rego' e que dava alma ao bairro, até aí moribundo.

Quando passávamos para a Avenida de Berna, estacionávamos longamente na Cervejaria 'O Paco' para saborear as mais voluptuosas moquecas preparadas por uma vistosa estudante de medicina cujo *derrière* fora moldado pelo arroz e feijão da sua meninice.

Dessa Cervejaria, saíam garridos cortejos que se espalhavam por Lisboa, dando um surpreendente fulgor à sorumbática cidade que começava a acordar do pesadelo ditatorial ao som das batucadas que terminavam sempre na Associação do Técnico, onde se dava a confluência com o movimento da esquerda festiva que despontava ao arrepio de todas as ortodoxias da 'Oposição' ao regime opressor.

As memórias dos livros que trazia de Lisboa, fizeram-me companhia durante a viagem para Fortaleza que abriu a minha colaboração com a Universidade Federal do Ceará durante os outonos de 2015-19, na qualidade de 'pesquisador visitante espacial'.

As reflexões desencadeadas pelos livros lidos no avião centraram-se em primeiro lugar na associação entre alguma escrita de Jorge Amado e a comida baiana, que tem a propriedade de repelir a água a favor da cachaça, como prova

o ‘berro de Quincas’. Depois, li coisas a propósito da ‘Semana de 22’ e da ‘Antropofagia’ de Oswald de Andrade.²

Durante as minhas permanências outonais em Fortaleza, mergulhava quase quotidianamente nos livros, jornais, posters (e outra *printed matter*) que ocupam as três salas de um espaço *sui generis*, conhecido por PLEBEU e localizado muito perto (a alguns metros) da praça principal de Fortaleza, a Praça do Ferreira.

O PLEBEU foi criado em 2012 com o estatuto de Biblioteca Social sob o impulso de Adelaide Gonçalves, Professora Titular do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará, personalidade multifacetada cuja faceta mais saliente é o amor desmedido pelos livros. Foi esse amor sem limites, aliado a uma atitude libertária em que a ideia de ‘partilha fraterna’ é fundamental, que a levou a não guardar só para si a imensa enxurrada de peças ligadas à *printed matter* com ‘quem’ tem convivido em ‘união de facto’ há décadas, nas Bibliotecas, livrarias e ‘sebos’ que foram o seu ninho de amor.

Após a sua importante (e sem-par) obra de compilação *A Bibliografia Libertária. O anarquismo em Língua Portuguesa* (Ed. Imaginário, São Paulo, 2001), o seu último livro é a edição pelo Plebeu do Memorial apresentado à UFC para progressão à categoria de Professor Titular, que tem o título – prenhe de significado – de *Entre Livros*.

Para benefício dos *book-lovers* de visita a Fortaleza, vou dar a conhecer seguidamente o guião de uma espécie de ‘visita guiada ao Gabinete de Leitura’ que se realizava quinzenalmente, privilegiando as relações espaciais entre os objetos submetidos a observação e comentário (Figura 3).

² Ao dissecar o ‘Manifesto Antropófago’, segundo a perspetiva de que o livro, depois de lido, é reescrito noutra tom, de acordo com o aforismo de Bernard Pivot ("*Lire n'est pas se retirer du monde. C'est entrer dans le monde par d'autres portes*"), imaginei que um devorador de livros como eu podia caber na alegoria de Oswald, na sua dimensão de ingurgitar as culturas para as fazer renascer sob novas formas. De facto, o modernismo brasileiro criou a hibridez do europeu com o outro, e daí vem o aparente ‘nacionalismo’ que apela à mecanização dos trópicos.

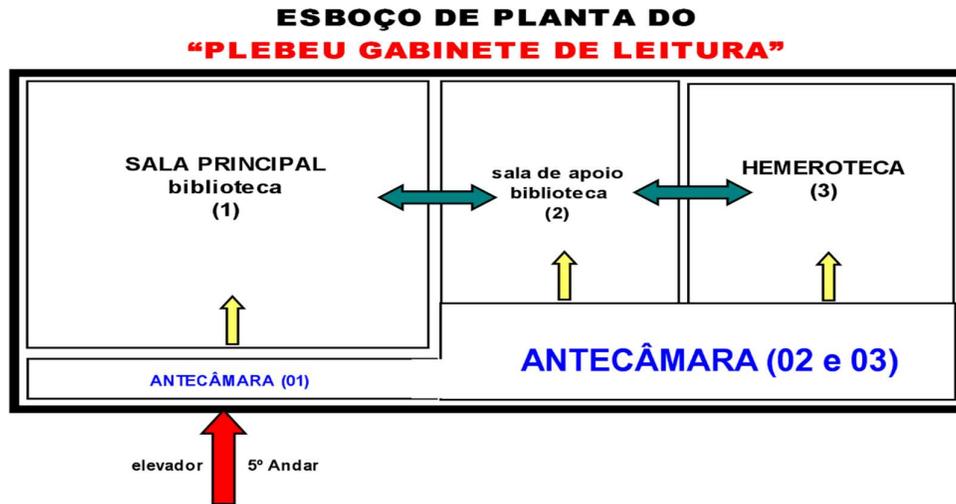


Figura 3. Tentativa de sistematizar topologicamente o PLEBEU GABINETE DE LEITURA

Entrando então pela porta do elevador da Figura 3, deparamo-nos com a ANTECÂMARA (01), que é a ‘sala de estar’ de Adelaide. Percorrendo *clockwise* as salas 1, 2, 3, tirámos fotos como as da Figura 4, onde surgem alguns ‘cordéis’ em que o ‘amor’ se associa à comida (com receitas de pratos nordestinos) e outros objetos relativos às memórias de Adelaide.



Figura 4 - Adelaide Gonçalves no seu espaço, e aspetos icónicos das salas do PLEBEU, terminando na sala que contém um arquivo dos jornais de Fortaleza

Depois de termos dado uma volta pelas salas da Fig. 4, podemos agora passar a uma das mais importantes funções do PLEBEU: a sua função editorial de livros difíceis de encontrar fora do ‘circuito alternativo’.

Das publicações mais antigas do PLEBEU tenho de chamar a atenção para uma curiosíssima (e rara) edição sobre Boaventura Durruti, (“Durruti, da revolta à revolução”), um relato de autor anónimo sobre um anarquista cuja ‘legendária’ coluna se deslocava diariamente, a partir de Barcelona, para a frente de Zaragoza, durante a Guerra Civil de Espanha.

A estória da Coluna Durruti foi ‘ressuscitada’ pela Internationale Situationniste (IS), como exemplo exemplar da atitude libertária preconizada pelo movimento das ocupações de Mai68. Ao folhear o livro sobre a coluna Durruti, pareceu-me ver os meus amigos brasileiros que se batiam ao meu lado nas batalhas contra os CRS.

Veio-me então à memória um artigo de Debord & Wolman (1956), que me inspirou na escrita deste texto, sempre que faço a substituição de um bloco de significantes presente num dado ‘original’ por um outro, subvertendo ‘a meu favor’ a semântica inicial, na linha do *détournement* à maneira da IS.

E a exclusão da autoria do livro editado pelo PLEBEU está na linha da luta da IS pela abolição do *copyright*, que logra abalar o sistema que vê o livro como mera mercadoria e chega a tomar partido na ‘tragédia dos comuns’ aplicada ao universo dos textos, os quais considero da ordem do ar que respiramos.

Referências

Andrade, Carlos Drummond de, 2013. *Alguma Poesia*, São Paulo: Companhia das Letras

Baudelaire, C. 1868. *Les Fleurs du Mal*, Paris; Michel, Œuvres complètes.

Blixen, K. 1995. *A Festa de Babette e Outras Histórias do Destino*. Porto: Asa

Debord, G.-E.; Wolman, G.J. 1956. "Mode d'emploi du détournement". *Les lèvres nues*, 8, Mai 1956

Goldberg, N. 1995. *Writing down the bones: Freeing the Writer Within*. Boston, MA: Shambhala Library

Jacob, F. 1987. *La Statue Intérieure*. Paris: Éditions Odile Jacob

Leopardi, G. 2014. *Zibaldone de Pensieri*. Milano: Donzeli Editore

Vila-Matas, E. 1999. *El Viaje Vertical*. Barcelona: Anagrama

Rolin, O. 2000. *La Langue*, Paris: Verdier